

# *“Céu azul” no horizonte mundial favorece o Brasil*

por André Vieira  
de São Paulo

**A** economia mundial estará em 1997 francamente favorável aos países em desenvolvimento como o Brasil. Estimativas do Bank of America dão conta de que a economia do planeta deverá crescer 3% com taxas de inflação de 5%. As exportações mundiais deverão se expandir 8,5%, em comparação ao crescimento de 6,5% deste ano. Na América Latina, as exportações deverão aumentar mais ainda: 14%.

“Há um céu azul no horizonte mundial. O crescimento sustentável se reflete no aumento de investimentos”, diz o diretor presidente do Bank of America, Joel Korn. Para ele, a probabilidade de acontecer um choque externo é pequena.

De um total de US\$ 120 bilhões que serão investidos diretamente na produção em outros países, a América Latina receberá cerca de US\$ 25 bilhões a US\$ 30 bilhões. “O Brasil será o maior beneficiado com mais de US\$ 10 bilhões”, afirma.

Korn participou, ontem, do seminário “Cenários da economia brasileira para 1997”, promovido pela Gazeta Mercantil e a Fundação Getúlio Vargas, onde preside o Comitê de Cooperação Empresarial, mantido por dezenas de grandes empresas. Na sua avaliação, os investidores estrangeiros estão procurando o Brasil de modo a explorar não só as potencialidades do mercado interno, que cresceu em razão da estabilização

do Plano Real, como também para fixar base para as operações em outros países. A entrada de investimentos diretos deve financiar cerca de 40% do déficit das transações correntes brasileiras em 1997.

Embora as exportações brasileiras cresçam menos do que a média latino-americana, Korn acredita que o governo vem agindo de forma positiva para estimular as vendas externas. A desoneração do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) sobre os produtos primários e semi-elaborados e os financiamentos às exportações do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) são algumas medidas que devem surtir efeito em 1997.

Além disso, o presidente do Bank of America lembra que houve avanços na redução do Custo Brasil: “Na área de transportes, as ferrovias foram privatizadas e as principais rodovias também”, diz. “Isso deverá reduzir os pontos de estrangulamentos da infra-estrutura.”

Ele não vislumbra nenhum alteração substancial na taxa de juros do Tesouro norte-americano, que baliza o custo do dinheiro internacionalmente. “No máximo, haverá uma correção de 0,25 ponto percentual”, observa, lembrando que a economia dos EUA devem manter um nível de crescimento sustentável sem repiques inflacionários. Korn vai presidir, a partir de janeiro, a Câmara de Comércio Americana. ■